

o II — N. 7
(Jan 60)

Coordenador: Major OCTAVIO TOSTA
da Seção de Geografia e História do EME

SUMÁRIO DA SEÇÃO

I — DOUTRINA

“Mahan e o Poder Marítimo” — OCTÁVIO TOSTA, Maj.

II — ESTUDOS E ENSAIOS

“Oriente Médio — *“Punctum — Dolens* da Geopolítica Mundial”:

1. “Conceito Estratégico do Oriente Médio”; 2. “Resumo Histórico” — CARLOS DE MEIRA MATTOS, Ten-Cel.

III — PROBLEMAS DA AMÉRICA LATINA

“A Segurança dos EUA está na América do Sul” — OCTÁVIO TOSTA, Maj.

IV — ARTIGO ESTRANGEIRO

“O Mundo Estável de Halford Mackinder” (1^a Parte) — VICTOR J. CROISAT, Cel (Trad do “Diffusion d’Articles Étrangers” — EMFA, Paris p. Osvaldo Oliveira Santos, 2^o Sgt).

A BIBLIOTECA DO EXÉRCITO já publicou as seguintes obras sobre **GEOPOLÍTICA**:

- 1) GEOPOLÍTICA DO BRASIL — 1947 — Brigadeiro Lírias Rodrigues (Esgt).
- 2) A GEOGRAFIA NA POLÍTICA EXTERNA — 1951 — Ten-Cel Jaime Ribeiro da Graça.
- 3) PROBLEMAS DO BRASIL — 1952 — Cel Adalardo Fialho.
- 4) GEOPOLÍTICA GERAL E DO BRASIL — 1952 — Everardo Backheuser.
- 5) FRONTEIRA EM MARCHA — 1956 — Renato de Mendonça.
- 6) ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DO BRASIL — 1957 — Ten-Cel Golbery do Couto e Silva.

As declarações expressas nos artigos da **SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA** são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores e não implicam no endosso oficial às opiniões ali contidas.

A matéria divulgada na **SEÇÃO** pode ser reproduzida em livros, jornais ou revistas, exceto quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e, no caso de artigos assinados, deve ser referido sempre o nome do autor.

Solicitamos dois exemplares da publicação que transcrever matéria da **SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA**. A correspondência deve ser endereçada ao Major Octavio Tosta — "A Defesa Nacional" — Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, Brasil.



MAHAN

"O Evangelista do Poder Naval"

O fotografia do Almirante Mahan foi gentilmente cedida pela Delegação Americana da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos da América.

O desenho foi feito pelo grande mestre Alberto Lima, laureado numerosas vêzes no Salão Nacional de Belas-Artes e Chefe do Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra.

ALFRED THAYER MAHAN viveu de 1840 a 1914. Nasceu e cresceu na Academia Militar de West Point, onde seu pai era professor de "Arte da Guerra e Engenharia Militar".

Em 1859 graduou-se na Academia Naval de Anápolis. Graças ao seu hábito de estudar história e ao seu interesse pelos assuntos relativos ao comércio e negócios navais pôde se tornar uma autoridade em poder marítimo.

Em 1885, no posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra, exerceu as funções de Diretor da Escola de Alto Comando Naval. No ano seguinte, passou a professor desta escola e, graças às suas preleções sobre "o poder marítimo e os seus efeitos no destino nacional", começou a adquirir renome.

No ano de 1896, deixou o serviço ativo mas permaneceu como membro do Conselho Consultivo Naval, durante a guerra com a Espanha.

De 1893 a 1895 esteve na Europa e recebeu diplomas honoris causa das universidades de Oxford e Cambridge. Em 1899 representou os E.U.A. na Conferência de Paz, em Haia; em 1906 foi promovido, na reserva, ao posto de Contra-Almirante e de 1908 a 1912 voltou a servir na Escola de Alto Comando Naval.

Ficou famoso com a publicação de seu trabalho intitulado "A Influência do Poder Marítimo sobre a História, 1660-1782", editado em 1890.

Seus outros trabalhos foram:

"O Gólfio e as Terras Inte-
riores Durante a Guerra Civil"
(1883);

"A Influência do Poder Marí-
timo na Revolução Francesa e no
Império, 1793-1812" (1892);

"A Vida do Almirante Far-
ragut" (1892);

"Os Interesses da América no
Poder Marítimo" (1897);

"A Vida de Nelson" (1897);

"Lições da Guerra com a Es-
panha" (1899);

"Pequena História da Guerra
Sul-Africana" (1900);

"O Problema da Ásia" (1900);
"Retrospecto e Perspectivas"
(1902);

"O Poder Naval e sua Relação
com a Guerra de 1812" (1905);
"Alguns Aspectos Esquecidos
da Guerra" (1907);

"Da Vela ao Vapor" (1907);
"Administracão Naval
e Guerra Naval" (1908);

"Colheita Interna" (1909);
"Interesses da América nas
Condições Internas" (1910);

"Estratégia Naval" (1911);
"Armamentos e Arbitragem"
(1912).

I — DOUTRINA

MAHAN E O PODER MARÍTIMO

Major OCTÁVIO TOSTA

Alfred Thayer Mahan herdou certamente de seu pai, mestre de arte da guerra em West Point, o acentuado pendor que sempre demonstrou pelo estudo da História.

Costumava aproveitar os longos cruzeiros marítimos para observar as questões relativas ao comércio e negócios navais, bem como para realizar estudos de história, que considerava um agradável prazer intelectual e vantajoso exercício mental.

Dessa forma, tomou conhecimento das obras clássicas da arte militar. Empolgou-se com Jomini. Procurava sempre analisar as causas e efeitos dos acontecimentos históricos importantes.

Durante a permanência em El Callao leu a "História de Roma" de Mommsen. Estudou as célebres campanhas de Aníbal e, meditando sobre a Segunda Guerra Púnica, imaginou que o destino do Império Romano teria sido bem diverso se os cartaginenses houvessem exercido o domínio do Mediterrâneo. Talvez, o próprio destino da humanidade fosse outro... Por isso, afirmou que *o contrôle do mar foi um fator histórico jamais apreciado e explicado de modo sistemático*.

Deve-se a Mahan os primeiros estudos realizados para conhecimento dos princípios do Poder Marítimo e caracterização da sua influência na história. Graças a isso, Mahan é com justiça considerado um dos precursores da Geopolítica. Sua influência na Teoria do Poder Marítimo e da estratégia naval foi tão acentuada que o cognominaram de "o evangelista do Poder Naval".

II — PRINCÍPIOS DOUTRINÁRIOS

De acordo com o pensamento de Mahan, "Poder Marítimo não é sinônimo de Poder Naval, pois não comprehende apenas o potencial militar que, navegando, domina o oceano ou parte dêle pela força das armas, mas também o comércio e a navegação pacífica que, de um modo vigoroso e natural, deram nascimento à esquadra e graças a ela repousam em segurança".

Além disso, o grande mestre de estratégia naval afirmava que "para quem possui potencial militar, um dos requisitos necessários à consecução da vitória é o domínio dos mares. Este garante, na paz e na guerra, a continuidade do comércio marítimo e suas trocas de produtos manufaturados por matérias-primas, estabelecendo uma estreita interdependência entre o comércio exterior e a Marinha de Guerra. A

eficiência da Armada é, portanto, função das bases e dos portos distantes".

Para Mahan, o Poder Marítimo é um elemento vital ao crescimento, prosperidade e segurança nacionais. Os fatores fundamentais ao desenvolvimento dessa forma de poder, são os seguintes:

- posição geográfica;
- configuração física;
- extensão do território;
- população;
- caráter nacional;
- instituições nacionais.

O valor da *posição geográfica* pode ser verificado pelo exame do aparecimento, apogeu e declínio das diversas potências marítimas surgidas no decorrer da História.

O Império português, por exemplo, originado de um pequeno núcleo debruçado sobre o Atlântico, espalhou-se por diversos continentes, assegurou o domínio do Atlântico Sul e adquiriu importância mundial.

A Inglaterra, beneficiada por sua posição insular, transformou-se numa talassocracia e constituiu poderoso império.

A *configuração física* do Estado pode facilitar ou dificultar o acesso ao mar e, portanto, às grandes rotas comerciais; permitir ou não a construção de portos abrigados, o estabelecimento de bases estratégicas, etc.

A *extensão do território* tem íntima relação com a quantidade de recursos e potencial humano.

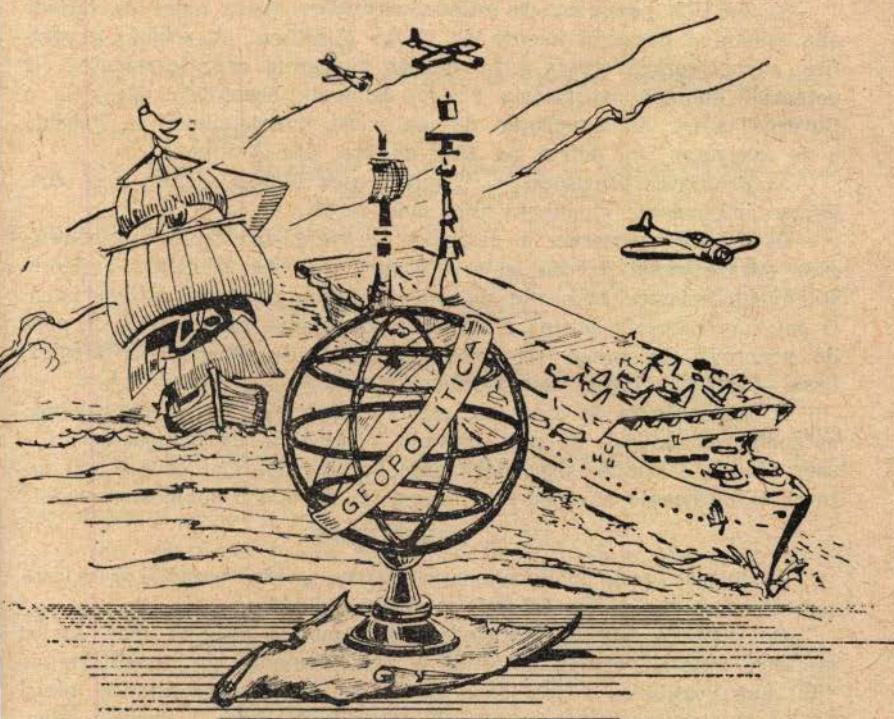
Da *população e do caráter* da mesma dependem a quantidade de homens dedicados às ocupações marítimas, bem como o valor desses elementos.

Finalmente, o *Govêrno* pode conduzir o Estado a se transformar em potência marítima, como ocorreu a Portugal nos séculos XV e XVI e à Grã-Bretanha nos séculos XVII e XVIII.

Mahan apresentava como requisitos necessários ao poderio estratégico:

- a produção (com a necessária troca de produtos);
- o transporte (através do qual a troca é efetivada);
- colônias (que facilitem e ampliem as operações de transporte e tendam a protegê-lo em razão dos múltiplos pontos de segurança que possibilita).

Considerava a conduta da guerra mais uma arte do que ciência e caracterizava como elementos essenciais dessa conduta: a *concentração no ponto decisivo e a supremacia moral*. Dava tanta importância a este fator que muitas vezes observava: "o almirante tem menos oportunidade de acertar ou de errar do que o general".



Afirmava, também, que "a superestrutura dos processos táticos deve ser periodicamente alterada ou substituída; porém, os antigos fundamentos da estratégia até hoje permanecem, como se repousassem sobre um rochedo".

III — INFLUÊNCIA DE MAHAN

Mahan encontrou inicialmente, em seu próprio país, muitas dificuldades e oposição. Eram indiferentes às suas idéias. Sofria sérias restrições financeiras na Escola de Alto-Comando Naval.

Com a publicação de seu livro "O Poder Marítimo" (feita em 1892 em Londres), ficou muito conhecido na Europa e respeitado como grande autoridade no assunto. O Imperador Guilherme II tornou-se seu admirador e discípulo. O Almirante Togo recomendou aos oficiais japoneses a leitura das obras do grande mestre de Poder Naval.

Esse prestígio internacional favoreceu seu objetivo principal: "mostrar aos norte-americanos as desvantagens de possuir — como então acontecia — uma marinha mercante insignificante e uma armada pequena e desequilibrada". Mahan já percebia, por aquela época, que a sua pátria apresentava condições para tornar-se tão poderosa quanto a própria Inglaterra...

Os EE.UU. possuíam em ótimas condições quase todos os fatores que afetam o desenvolvimento do Poder Marítimo. A posição geográfica, a configuração física e a extensão territorial eram excelentes. O potencial humano satisfatório e com aumento acentuado. Bastaria o Governo cuidar da construção de um canal transistmiano no Panamá e de assegurar sua defesa na área do Mar das Antilhas.

As proféticas previsões de Alfred Thayer Mahan vieram a se confirmar amplamente cinqüenta anos mais tarde.

Os EE.UU. passaram a desfrutar de vantajosa posição geoestratégica. Organizaram imensa frota mercante, que lhes permitiu o desenvolvimento sempre crescente do seu volumoso comércio internacional. O pavilhão estrelado passou a ser visto drapejando nos mastros da popa de poderosas belonaves em todos os mares do mundo. Estratégicas bases avançadas foram estabelecidas...

A consequência de todo esse esforço construtivo para, aproveitando as condições naturais do país, elevá-lo à categoria de talassocracia foi, sem dúvida, o rápido engrandecimento dos Estados Unidos e o seu natural soerguimento à excepcional categoria de maior potência mundial.

IV — CONCLUSÕES

A situação atual do Estado brasileiro no quadro mundial é, evidentemente, superior à dos EE.UU. ao tempo de Mahan (1).

O Atlântico Sul, enclausurado pela América do Sul, pela África atlântica e do sul e pela Antártida é, presentemente, um "mediterrâneo vital que possibilita a soldadura do conjunto em extraordinária plataforma de manobra" (2). O Brasil, "debruçado sobre o gargalo atlântico que vai de Natal a Dacar, está mágistralmente indicado na disposição das massas continentais, quando lhe soar a hora, afinal, de sua efetiva e ponderável projeção além-fronteiras" (3).

Além dessa posição geoestratégica vantajosa, o espaço brasileiro facilita a construção de portos e bases e até possibilita a penetração de grandes navios em regiões interiores. A população é numerosa e possui acentuado pendor para o mar.

Portanto, o país apresenta, em muito vantajosas condições, aqueles fatores que, segundo Mahan, proporcionam o desenvolvimento do Poder Marítimo. Precisamos aproveitar essas condições tão favoráveis para que o Brasil, através de uma frota mercante numerosa, apoiada convenientemente por bases e arsenais e garantida por forças navais adequadas, possa ter, realmente, um comércio desenvolvido, que lhe assegure um desenvolvimento econômico proporcional ao seu grandioso potencial.

(1) BERLE JR, Adolf A. declara à pág. 42 de "O Mundo entre o Ocidente e o Oriente" que "O Brasil deverá encerrar o século XX com um potencial comparável ao dos Estados Unidos de hoje e uma posição predominante no mundo latino, europeu e americano".

(2) GOLBERY do Couto e Silva, Cel: "Áreas Internacionais de Compreensão e Áreas de Atrito" in "A Defesa Nacional" n. 544 de Nov 59 pág. 147.

(3) GOLBERY do Couto e Silva: obra citada, mesma página.

V — B I B L I O G R A F I A

- 1) CARNEY (Robert B, Alm)

1955. *Principios do Poder Marítimo* in "Military Review" (Ed. Bras.), EE.UU.: N. 11 de 56 — pp 3/17.
- 2) DUNCAN (Francis)

1957. *Mahan — Historiador con un Propósito* in "Revista de Publicaciones Navales", Argentina: N. 535 de 57 — pp 227/236.
- 3) GARCIA (J. H., Ten-Cel)

1951. *O Poder Naval na Segunda Guerra Mundial*. (Notas do livro "The Influence of Sea Power in World II, de W. D. Puleston") in "A Defesa Nacional", Brasil: N. 442 de 51 — pp 13/20.
- 4) NELSON & SON

1913. *Nelson's Encyclopaedia* — Vol VII, New York, EE.UU. — pp 532.
- 5) ROTH (Irving D, Cel)

1953. *Física Nuclear e Poder Marítimo* in "Military Review" (Ed. Bras.), EE.UU.: N. 6 de 53 — pp 3/8, 2 fig.
- 6) SPROUT (Margaret Tuttle)

1944. *Makers of Modern Strategy* — Ed. p. Edward Mead Earle (Princeton University Press), EE.UU..
- 7) WARNER (Oliver)

1951. *A Influência do Almirante Mahan* in "Military Review" (Ed. Bras.), EE.UU.: N. 3 de 51 — pp 88/88.

O MAR É FONTE DE PODER NACIONAL

RATZEL

"AQUELE QUE COMANDA O MAR, COMANDA TÓDAS AS COISAS"
TEMÍSTOCLES, vencedor de Salamina.

"*Aquélle que dominar o mar se acha em grande liberdade, podendo tomar muito ou pouco da guerra, segundo a sua vontade. Por outro lado, aquélles que sejam mais fortes em terra, se encontram, muitas vêzes, em grandes dificuldades*".

FRANCIS BACON (1597).

"*Se a existência de um Estado ou a vida de um povo se acham expostas à destruição, o Poder Marítimo constitui legítimo meio de segurança; o seu caráter e o seu desenvolvimento devem ser, em tal caso, proporcionados às necessidades vitais a salvaguardar. O Poder Marítimo que satisfizer sómente a essas necessidades, tem caráter defensivo. Um Estado que se atribui o direito a um Poder Marítimo deveria ser, em consequência, obrigado a demonstrar que os seus interesses vitais o exigem e que uma limitação a esse respeito torná-lo-ia exposto a uma invasão*".

Almirante RICHMOND.

NÚCLEOS DE PODER

A experiência geo-histórica revela que existem quatro núcleos eficazes dos quais têm surgido e se desenvolvido as grandes potências terrestres. A) O ORIENTE PRÓXIMO, desde o Turquestão à Síria: foi este o teatro, sucessivamente, do Império Persa, do Império Sassanida, do Califado de Bagdá e do Império Otomano, gigantes colossais de terra maciça. B) MONGÓLIA E NORTE DA CHINA, de onde surgiu o Império dos Han, o Império Mongol e o Império dos Ta Tsing: atualmente proporcionou o aparecimento da China Comunista. C) A REGIÃO CENTRAL RUSSA, por definição, o "pivô continental" na terminologia de Mackinder. D) A EUROPA CENTRAL, base do potencial germânico e de suas repetidas tentativas de dominar o continente europeu.

A mesma experiência demonstra a existência de quatro grandes fontes do poder marítimo. A) O MEDITERRÂNEO, no qual se formou a unidade de Roma. B) O OCIDENTE EUROPEU, marco da mais progressiva de todas as sociedades; colonizadora de grande parte da terra; dominadora até há pouco tempo do maior território colonial, centralizado na Grã-Bretanha. C) A FAIXA ATLÂNTICA NORTE-AMERICANA, que hoje mantém a hegemonia econômica mundial. D) O ARquipélago JAPONÊS, um dos núcleos mais estimulantes das orlas do Oceano Universal.

Dr. J. VICENTE VIVES

(Tratado General de Geopolítica)

II — ESTUDOS E ENSAIOS

ORIENTE MÉDIO — "PUNCTUM-DOLENS" DA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

Ten-Cel CARLOS DE MEIRA MATTOS

1. Conceito Estratégico de Oriente Médio.
2. Resumo Histórico.

A presença militar brasileira, há quase três anos, no Oriente Médio, em cumprimento de um mandato da ONU, veio dar maior realce à necessidade de estudarmos nós, militares, os problemas dessa área de tamanha importância no quadro estratégico mundial.

O trabalho do Ten-Cel Meira Mattos responde a essa necessidade e possibilita uma compreensão mais nítida e mais aprofundada dessa região onde fervilham aspirações justas e ambições inconfessáveis no jôgo de uma luta em que se chocam tendências geopolíticas as mais contraditórias.

1. CONCEITO GEOGRÁFICO DE ORIENTE MÉDIO

Nem todos os geógrafos do mundo estão de acordo sobre os limites geográficos da área universalmente conhecida por Oriente Médio.

Não pretendemos entrar nesta polêmica.

Adotaremos o critério político-estratégico, que é o que nos interessa, pondo de lado os teorismos de prurido científico dos geógrafos que se rebelam diante do que eles consideram uma heresia geográfica, incluir-se na grande área denominada Oriente Médio porções constitutivas do Oriente Próximo e do NNE africano.

Assim, dentro de nosso critério político-estratégico, o Oriente Médio tem como limites geográficos: ao Norte, as fronteiras norte da Turquia, Irão e Afeganistão; a Leste, as fronteiras orientais do Afeganistão e Paquistão; ao Sul, o litoral da Península Arábica — Oceano Índico; finalmente, a Oeste, abarca a Eritréia, o Sudão e Egito.

Para alguns geógrafos europeus, como Jean Chardonnet e Andrés Siegfried, o Oriente Médio não é mais do que um prolongamento

da faixa centro européia, com um "trampolim" na Grécia e na Turquia.

Física e morfológicamente, êsse contorno geográfico, seccionado em duas partes pelas águas salgadas do Canal de Suez e Mar Vermelho oferece como acidentes principais: na parte oeste-africana, um grande rio, o Nilo, nascido no lago Vitória, nas florestas tropicais do Congo, cruza as terras do Sudão e penetra no Egito onde é o único elemento fertilizador de um território árido ou desértico. O Nilo, muito acertadamente, é chamado, de "presente dos céus para o Egito". Quanto ao relêvo e a cobertura vegetal, é montanhoso (maciço abissínia) e coberto de floresta luxuriante ao sul, tendendo para as grandes extensões de mesetas baixas e desérticas no território egípcio. O território egípcio, dos dois lados enquadran do vale do Nilo e constituído pelos imensos desertos da Líbia e Arábico. Na parte leste asiática, dois rios, o Tigre e o Eufrates, outrora fertilizadores de uma extensa área, a chamada Mesopotâmia, hoje de função econômico-social reduzida, nascidos nas montanhas da Síria e da Turquia, cruzando o território do Iraque, vão desaguar no Golfo Pérsico. Os antigos e opulentos impérios de babilônios, assírios e caldeus encontraram na Mesopotâmia fértil a base econômica de seu poder. Essa região é considerada por muitos, como o berço da agricultura na Terra.

A morfologia e a vestimenta vegetal apresentam ao norte na Turquia, no Crescente Fértil (Líbano, Síria, Israel e Iraque) e no Irão, terras altas e favoráveis à agricultura, com abundância de matas; ao sul, o imenso deserto da Arábia, contornado a leste e ao sul pelas cordilheiras de Hedjaz e Hadramaут. No Paquistão e no Afeganistão os limites da área por nós estudada vão se encostar nos contrafortes do Himalaia.

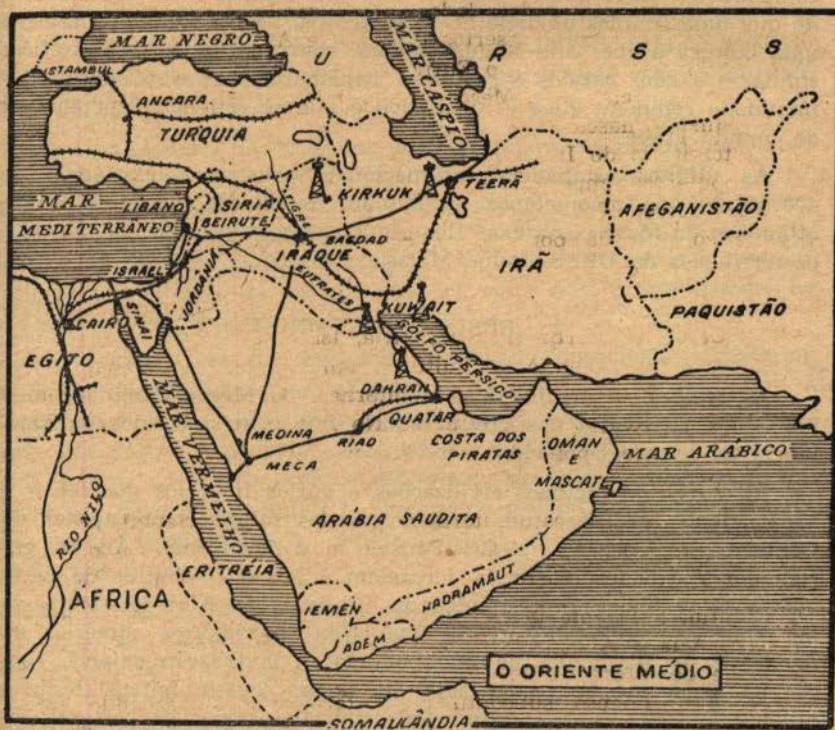
O Oriente Médio possui litoral no Mediterrâneo Oriental, no Mar Negro, no Mar Cáspio, no Golfo Pérsico, no Oceano Índico e no Mar Vermelho. Assim, está articulado com o Atlântico e com o Pacífico.

Constitui, o Oriente Médio, um subcontinente intermediário entre a Europa, Ásia e África, verdadeira área de interações e de atritos culturais e de interesses econômicos, predominantes nesses três continentes. Esse imenso subcontinente intermediário, abarcando uma área de mais de 11 milhões de quilômetros quadrados e habitado por cerca de 88 milhões de almas, está colocado em posição estratégica de excepcional importância no globo terrestre. Dispõe de excelente articulação com as linhas de navegação mundiais, pois além de encerrar a mais importante via comercial, entre a Europa Ocidental e a Ásia, o Canal de Suez e o Mar Vermelho, debruça-se sobre a rota de saída do Mar Negro, no Mediterrâneo, através do Bósforo, Mar de Mármore e estreito dos Dardanelos.

Vejamos, agora, o conteúdo anímico dêsse subcontinente intermediário.

Os povos que o habitam não formam uma unidade racial, muito pelo contrário, compõem um mosaico de raças.

O vocábulo "árabe" não tem o conteúdo racial que muitos imaginam. A expressão "mundo árabe" vale hoje, mais como uma reminiscência da expansão geográfica dos povos da península arábica sob a influência de Maomé, profeta de Alá e chefe político-militar, que nos Séculos VII e VIII de nossa era estenderam os domínios do "islamismo" (a palavra significa submissão) a Oeste e Norte por toda a África do Norte e Península Ibérica e ao Norte e Leste até os limites dos territórios hoje ocupados pela Turquia, o Turquestão e Samarkândia, hoje anexadas à URSS, ao Paquistão e Afeganistão.



Quem são na realidade os árabes? Pergunta Edward Byng, no seu livro "O Mundo dos Árabes". Esse cientista inglês viveu durante muitos anos no Oriente Médio, estudando as antigas civilizações e as origens históricas das raças que ali pululam. Demos a élle a resposta: "Racialmente, apenas os beduínos do deserto árabe são propriamente árabes. Em sentido rigoroso apenas são árabes os beduínos. Quando falamos de **movimento árabe**, o dizemos em sentido estritamente político, cujos vínculos de homogeneidade étnica árabes são tão frouxos quanto os dos movimentos pan-americanos e ibero-americanos, em

relação aos grupos que lhe deram origem. Como um exemplo de pluralidade política lembramos que só na península arábica existem dois reinos, 23 protetorados, sete principados, um sultanato e uma colônia.

Nessa área geográfica que definimos como Oriente Médio vivem representantes das seguintes unidades étnicas principais: árabes (na península arábica), persas (no Irão), turcos, armênios e anatólios (na Turquia), egípcios, puktum, tadjic (no Afeganistão e Paquistão), libaneses, curdos (no Irão, Iraque, Síria, Líbano), hindus e tribos negras (do Sudão).

Esses inúmeros grupos raciais encontram um denominador comum na religião maometana professada pela grande maioria de seus componentes. Esse fator religioso, tem um sentido mais comunicante do que uma simples unidade de fé espiritual, pois o maometismo criou uma cultura árabe, com língua comum, com padrões morais e éticos similares e com hábitos e costumes semelhantes. A essa enorme comunidade religiosa, ética e idiomática é que se convencionou chamar de mundo árabe.

As últimas estatísticas internacionais acusam a existência de 400.000.000 de maometanos no mundo, espalhados, desde as costas atlânticas do Marrocos até as ilhas indonésias, salpicando de minorias os territórios da URSS, Índia, Malásia e China.

2. RESUMO HISTÓRICO

As regiões do Mediterrâneo Oriental e da Mesopotâmia foram o palco das atividades dos povos semitas nos primeiros anos da existência do mundo conhecido.

Ali surgiram algumas civilizações e vários impérios guerreiros e aventureiros. Ali nasceram as três grandes religiões monoteístas do Ocidente — Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Ali se encontram as cidades santas — Jerusalém e Meca — centros de peregrinações periódicas dos crentes da Bíblia e do Alcorão. Merecem destaque: a civilização suméria que criou os impérios sumérios da Assíria e de Babilônia, na Mesopotâmia; a civilização egípcia, com sua opulência até hoje admirada. De ambas se tem notícia desde o milênio IV AC. Ambas constituindo dinastias imperiais bastante fechadas; os egípcios com suas inúmeras dinastias de faraós, que se sucederam durante 3.500 anos, aproximadamente; os sumérios com seus reis-sábios como Hamurabi e guerreiros como Sargão. Faraós e reis eram, a um só tempo, chefes religiosos, políticos e militares de seus povos. As religiões professadas por egípcios e sumérios, eram de base plurideísta; inúmeras divindades eram adoradas, inclusive animais e plantas, a que prestavam significações benfazejas ou temidas. Essas duas civilizações vicejaram nos vales fertilíssimos do Nilo, do Tigre e do Eufrates, dedicando-se às atividades agrícolas que constituíram os princípios estabilizadores dos impérios.

Legaram-nos essas civilizações como atestado eloquente do seu desenvolvimento cultural e de sua riqueza, os monumentos históricos até hoje admirados, as Pirâmides (túmulo dos faraós), os templos de Carnac, as ruínas de Tebas, os colossos de Mennon no Egito e os aquedutos de Nínive, as muralhas de Sargão, as tumbas reais de Ur, na Mesopotâmia.

Do outro lado do Mediterrâneo e espalhada pelas ilhas do Mar Egeu, surge esplendorosa a civilização helênica que, no Século IV AC, guiada pela espada de Felipe e Alexandre, expande-se e conquista todo o Oriente Médio e Egito.

Mas, além das civilizações, surgiram nesse cenário povos guerreiros e chefes audazes como Ciro, Xerxes, Dario, reis dos persas, e os notáveis navegadores fenícios, povo instalado nas praias das hoje Síria e Líbano, cujas naus singravam corajosamente todo o Mediterrâneo e realizaram a inolvidável façanha do péríodo da África, pelo Mar Vermelho e Gibraltar.

Ora nas regiões da Palestina, ora emigrando por pressões externas ou voltando no seu "habitat", ora nômades, ora sedentários, transitavam de um e outro lado do Mar Vermelho, as tribos israelitas. Esse povo encontrou seus grandes reis em Saul, David, Salomão e Moisés. A religião de Israel, passando da monolatria ao monoteísmo, crença na existência de um só Deus, foi, como que, a predecessora do surgimento do cristianismo.

Os romanos em fase de plena expansão imperialista estenderam seus domínios pelas terras do Oriente Médio. Pompeu percorreu a Armênia, a Síria e a Palestina; Jerusalém foi ocupada, no Século I AC. Mais tarde o próprio Cesar ocupou o Egito onde se apaixonou pela Rainha Cleópatra. Após o assassinato de Cesar, Cleópatra continuou seu destino de seduzir os guerreiros romanos lançando Antônio em guerra contra Octávio, ambos cônsules do triunvirato que substituiu Cesar no poder.

Jesus Cristo, filho de Deus, nasceu em Belém, na Galiléia, e foi o criador do monumento religioso e social, que se expandiu rapidamente por todo o Mediterrâneo e que hoje constitui a religião e o código ético de todos os povos do Ocidente. Hoje 1/3 da população do globo é cristã e 1/7 professa a religião maometana. Naquela mesma região, em Jerusalém, aos 33 anos de idade havia de morrer crucificado, julgado por Ponciano Pilatos, juiz romano, o fundador e filósofo do cristianismo.

No Século VII de nossa era nascia em Meca aquêle que seria o fundador e o profeta do islamismo, fé religiosa e sistema social que conquistou a península arábica e se expandiu por todo o Oriente Médio e África do Norte. Maomé pregava a existência de um só Deus, Alá, estruturava a sociedade à base da igualdade social, condenando as antigas tradições de separatismo e rivalidades tribais.

Com a expansão do cristianismo na Europa surgiram na Idade Média, sob a inspiração do Sumo Pontífice, as expedições militares destinadas a libertar os Santos-Lugares da Palestina ocupados pelos infiéis. Esses movimentos religiosos-militares, que a história consagrou sob o nome de Cruzadas, começaram em 1096 e terminaram em 1270, levando levas e mais levas de cruzados, delas participando reis e nobres da mais alta estirpe européia e ensanguentaram por quase dois séculos as terras do Oriente Próximo. Por fim conseguiram transformar os Santos-Lugares em colônias cristãs.

O estabelecimento do reino Osmanli nas terras de Bizâncio, a conversão dos osmanlis em maometanos, a formação de um império otomano e a conquista de todo o Oriente Médio e da costa africana Mediterrâneo, até a Argélia é o fato importante do Século XV e XVI. O poder otomano prevalece no Oriente Médio até o fim da Primeira Guerra Mundial.

No fim do Século XVIII coube a Napoleão, repetir a ambição de Alexandre e de Cesar, de conquistar o Egito e a Ásia Menor. Mas, apesar dos êxitos iniciais obtidos na chamada Campanha do Egito, teve Bonaparte que recuar nos seus planos de fazer o Egito possessão francesa, em virtude da derrota de sua esquadra em Abukir, pelo Almirante Nelson.

No ano de 1869, um acontecimento transcendental transformaria o Oriente Médio em área estratégica da maior importância no âmbito mundial — a abertura do Canal de Suez, encurtando sobremaneira as rotas de comunicação entre o Ocidente Europeu e os países asiáticos do Oceano Índico e do Pacífico. Idealização e obra do engenheiro francês Fernando de Lesseps, o controle administrativo e político do canal, logo passou para as mãos britânicas, através da compra de maioria das ações de companhia destinada a explorá-lo.

Assim, o Oriente Médio, que desde remotas épocas continha uma rota terrestre de mercadores unindo as praias do Mediterrâneo Oriental, nos territórios dos hoje Líbano e Síria, às praias do Mar Vermelho, passando por Palmira, Damasco, Palestina, Meca, veio a enquadrar a principal rota comercial e política, e portanto estratégica, do mundo de então, dominado pela influência do poder marítimo.

No final do século passado e comêço do presente a integridade do império otomano era mantida mais pela rivalidade russo-britânica do que mesmo por sua capacidade própria de conservar unidos tantos reinos, xerifados, califados, etc. É que não se afastava do espírito dos czares russos a esperança de um dia virem conquistar os "mares quentes" levando os limites de seu poder político até as praias do Mediterrâneo, pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos ou através do Irão, Iraque e Síria. A Inglaterra, preocupada com a segurança da importante rota estratégica e comercial através do Canal de Suez, não desejava os russos no Mediterrâneo. O império otomano era o mal menor — representava para a Rússia um poder político-militar

fraco que quando "fôsse a hora" poderia ser derrotado; representava para a Inglaterra, uma maneira de, indiretamente, impedir a aproximação dos russos. Já por ocasião da guerra russo-turca, de 1877, a intervenção diplomática inglesa conseguiu deter os russos vitoriosos em São Estevam, a uma hora de distância de Estambul.

No comêço dêste século os ingleses iniciaram suas pesquisas petrolíferas, descobrindo no Irão os primeiros poços produtivos do Oriente Médio. Mal sabiam os povos árabes que se iniciava, para êles, uma nova fase de complicações internacionais.

A Primeira Guerra Mundial "deu por terra" com o frágil império otomano. Os sinais de desagregação e de indisciplina, que já se manifestavam em seus imensos domínios geográficos, encontraram o ambiente necessário para se efetivar em desmembramentos. A Turquia tomou posição ao lado da Alemanha, do Kaiser Guilherme II. Os britânicos, utilizando-se de um líder militar valioso e de grande prestígio, o Cel Lawrence, incentivaram a revolta dos xeques, califas, xerifes, imanes e suas tribos, contra o poder central turco.

Terminado o primeiro conflito mundial, com o desaparecimento da Rússia entre vitoriosos, em virtude da revolução de outubro de 1917, a Inglaterra e a França fizeram entre si a partilha do mundo árabe. Nessa época já se tinha idéia do que valiam as reservas petrolíferas do Oriente Médio.

O Oriente Médio foi um dos assuntos da Conferência de Versalhes. Os territórios não turcos do antigo Império Otomano receberam independência sob mandato da Liga das Nações. A Grã-Bretanha ficou com a "parte do leão". Sob mandato britânico foram criados os países hoje conhecidos como Iraque e Jordânia. A França ficou com o mandato da Síria e Líbano. A Arábia Saudita (Hedjaz) foi reivindicada e ficou sob a chefia do valente vaabita Iln Saud, que a tomou pelas armas aos turcos, sem auxílio de aliados. O território, que hoje constitui o Estado de Israel, foi ocupado e governado pelos britânicos que prometeram transformá-lo em pátria nacional dos judeus, até então nação errante, sem território próprio.

No Egito, os britânicos, apesar das promessas feitas durante a guerra com os turcos, recusaram-se a entregar o governo aos nacionais.

A Turquia, sob a ação enérgica de um oficial do Exército Mustafá Kemal, conseguiu reagrupar os destroços da derrota, repelir os gregos, negociar a retirada dos franceses e italianos, desmantelar o movimento separatista armênio e construir um Estado turco com limites semelhantes aos atuais.

O Irão, antiga Pérsia, que já era independente, assim continuou.

O estabelecimento das dinastias governantes nos novos Estados criados na península arábica contou com os obstáculos das velhas rivalidades de tribos e famílias locais. Entre êsses há de se distinguir

o grupo hachemita, do qual descendia o grande príncipe árabe Hussein, a cujos filhos foi entregue o reinado dos novos Estados da Jordânia e do Iraque, e o ramo vaabita, de Ibn Saud, adversário violento do grupo hachemita. Ao lado desses dois grandes ramos, há, ainda, os xeques e califas dos pequenos territórios de Kuwait, Oman, Barém, Iêmen, Mascate e do protetorado britânico de Aden. Essas divergências e rivalidades sempre constituíram fonte inesgotável de intrigas, conspirações, crimes e traições que formam o clima psíquico-emocional desses povos sempre agitados. Os britânicos, até bem pouco tempo, foram mestres em se aproveitar dessas divergências em benefício de sua política. Hoje, essa iniciativa está com os russos.

A crescente importância dos combustíveis líquidos na economia mundial, a partir do começo deste século, e a verificação da existência de grandes reservas petrolíferas no subsolo das terras áridas e dos desertos da Arábia, do Irão e do Iraque, vieram relevar ainda mais a importância do Oriente Médio como região de superior interesse estratégico no quadro mundial. Agora, além de **nó de comunicações, de corredor de trânsito obrigatório das grandes linhas de comunicação mundiais**, através do Canal de Suez, passaria a ser, também, a maior fonte produtora de energia para os veículos e máquinas movidos a motor de explosão.

O aproveitamento dos recursos petrolíferos do Oriente Médio recebeu maior impulso em 1913, quando Winston Churchill, 1º Lorde do Almirantado, passou do carvão para o óleo, o combustível da Marinha Britânica. Isto criou o primeiro mercado para o petróleo do Oriente Médio. A fim de poder controlar o preço desse combustível, a Inglaterra, em 1914, comprou os títulos da "Anglo-Persian Oil Co". Essa companhia tinha uma concessão do governo do Irão que cobria quase todo o território nacional. A produção dos campos persas vem aumentando continuadamente. Do Irão a exploração passou para outras regiões do Oriente Médio. No inicio da Segunda Guerra estavam sendo extraídas quantidades substanciais de petróleo do Iraque, Barém, Kuwait e Arábia Saudita.

A composição política do Oriente Médio não sofreu transformações de maior monta no período compreendido entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o princípio da Segunda. É de se destacar, entretanto, a pressão constante do nacionalismo egípcio exigindo maior independência para o país, marcada pela abolição do protetorado em 1922 e o tratado anglo-egípcio de 1936, chamado Tratado de Aliança e a ocupação da Abissínia pela Itália fascista, em 1935.

Assim, a Segunda Guerra veio encontrar na região um quadro instável de nações em emergência, pseudo-soberanas, sob regimes de proteção, mandato, etc. De um ponto de vista mais amplo, a situação refletia ainda a posição conquistada pelas grandes potências europeias vitoriosas da Primeira Guerra Mundial.

A Turquia, dessa vez, teve o bom senso de permanecer neutra, apesar das instâncias de Hitler ao Presidente Inönü.

A derrota da França, em 1940, refletiu na sua posição no Líbano e Síria, obrigando suas tropas a se retirarem dêsses países.

Hitler conduziu sagazmente o jôgo pela posse do Oriente Médio. Ele já dominava a faixa centro-européia. Von Rommel, um dos seus melhores generais, foi mandado através da Itália e com o seu famoso Afrika Korps conquistou toda a costa Norte-Africana, desde Tunis ao deserto líbio, já sobre as fronteiras do Egito. Seu objetivo era tomar Suez e dominar a Arábia. Os britânicos comandados por Montgomery estabeleceram seu quartel no Egito e contra-atacaram. A sorte da batalha permaneceu indecisa com ofensivas e contra-ofensivas através das areias do deserto da Líbia, até que o resultado da batalha de El Alamein, travada no interior do território egípcio, fez o resultado pender favoravelmente para os britânicos, obrigando os alemães e italianos a sucessivas retiradas até a Tunísia. Com isto, estava desfeito o sonho de Hitler de dominar o Oriente Médio — chave de comunicações mundiais e manancial petrolífero.

Este último período de pós-guerra marcou o destino dessa vital região de trânsito e riquezas energéticas com os seguintes sucessos principais:

- acentuação da presença econômica e política dos Estados Unidos na área;
- decadência vertical da influência britânica e desaparecimento da influência francesa;
- criação do Estado de Israel, em território da Palestina, provocando um foco permanente de reações nacionalistas dos países árabes;
- descobertas de novas e substanciais reservas petrolíferas na região;
- intensificação dos movimentos nacionalistas dos países árabes quase sempre acompanhados de irrupções violentas e sangrentas;
- penetração da propaganda político-ideológica e a dialética revolucionária vem conseguindo, pouco a pouco, transformar o sentimento pan-árabico num sentimento antioidentalista.

A análise e interpretação dêsses acontecimentos que vêm alimentando a “fervura” do caldeirão do Oriente Médio será assunto do capítulo seguinte.

SÍNTSE GEGRÁFICA DO BRASIL

Depois que se tem esquadinhado a massa continental sul-americana, mesmo que se não queira, fica-se a pensar no papel que caberá, nesse conjunto, ao território brasileiro, contendo mais de dois terços das costas do Atlântico, de terras da vertente atlântica cujo dinamismo hidrográfico se manifesta decisivo segundo seus dois formidáveis compartimentos — o platino e o amazônico.

Para estimá-lo, cumpre antes do mais passar em revista o nosso próprio território em si mesmo, surpreendendo sua própria maneira de ser e, em seguida, concluindo de suas possibilidades funcionais em relação ao restante do território continental.

Não raras vezes se tem travado sérias discussões em torno da questão de nossa unidade geográfica, unidade que uns querem de inatacável exatidão e outros encaram como absolutamente discutível.

As opiniões variam desde a idéia de admitir-se o território brasileiro como a justaposição de inúmeras mesopotâncias, rendilhado pelas caudais hidrográficas, como se fôra estranho arquipélago continental, até o exagero de se pretender tudo enfeixar no maciço central de nosso regime orográfico.

No primeiro caso, esquece-se o papel vinculador das vias fluviais, no segundo despreza-se a característica centrífuga do maciço brasileiro, como centro de dispersão de águas e o caráter excêntrico do vale amazônico, que, evidentemente, o fura das possíveis influências unificadoras daquele maciço.

Ao nosso ver, não se precisa chegar a nenhum desses extremos. Segundo o critério da ciência geográfica moderna, a unidade de um território não se deve restringir ao ponto de vista estrito da geografia física.

Raros, bem raros serão os países que dispõem de unidade territorial indiscutível do ponto de vista fisiográfico. O que se faz necessário é ver até onde o território em questão permite à geografia política enfeixá-lo numa verdadeira nação.

E, sob esse aspecto, não há negar as excelências do território brasileiro, apesar de todos os seus caprichos, da aparência de tôdas as suas contradições.

(“Aspectos Geográficos Sul-Americanos”)

MÁRIO TRAVASSOS

III — PROBLEMAS DA AMÉRICA LATINA

A SEGURANÇA DOS E.U.A. ESTÁ NA AMÉRICA DO SUL

Major OCTAVIO TOSTA

I — CONTENÇÃO VERSUS ISOLAMENTO

O atual antagonismo existente entre os E.U.A. e a U.R.S.S. conduziu a maioria dos países à constituição de dois grandes blocos com características próprias e, portanto, geoestratégias específicas.

O primeiro desses blocos compreende Estados cuja economia está subordinada a determinadas rotas marítimas. Seus componentes são países industrializados importadores de matérias-primas como os E.U.A., a Inglaterra, a Alemanha, a França, o Japão, etc. e Estados subdesenvolvidos como os da América Latina e da África, cuja existência ainda está subordinada ao fornecimento daqueles produtos essenciais. Esses Estados não podem prescindir dos transportes oceânicos e formam, em conjunto, um verdadeiro "Bloco-anfíbio".

O outro grupamento de países, formado pela União Soviética, satélites e aliados, constitui, por suas características geoeconômicas, um natural "Bloco-continental".

A presente conjuntura mundial traduz, necessariamente, a luta desses dois grandes partidos. A U.R.S.S., já de posse do *Heartland*, tem como objetivo o domínio da Terra. Os E.U.A., nação líder do "Bloco-anfíbio" e com interesses econômicos em todos os continentes, pretendem evitar a expansão do comunismo soviético e manter o *statu quo* mundial.

Para a defesa desse *statu quo* os E.U.A. adotaram uma geoestratégia de "contenção" que tem sido traduzida pelas seguintes atitudes:

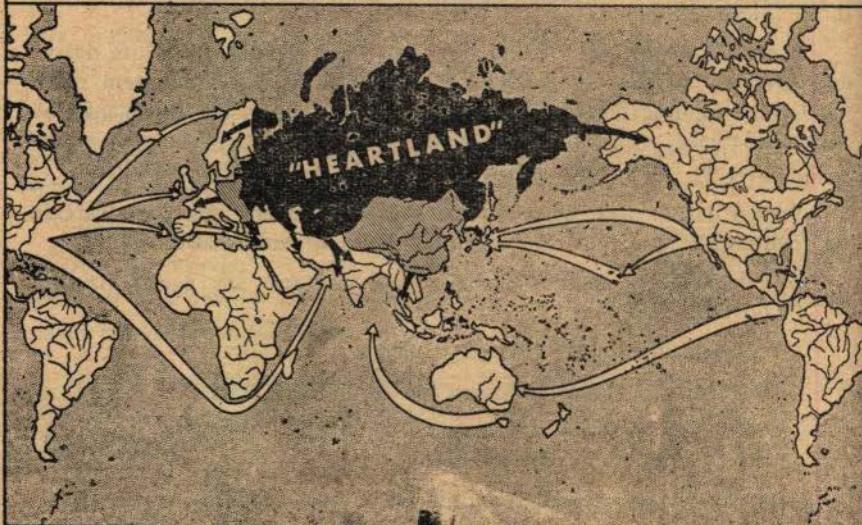
- substancial auxílio econômico e militar aos países vizinhos do bloco comunista;
- estabelecimento de alianças e pactos;
- instalação de bases militares em torno da U.R.S.S.;
- defesa de determinadas regiões estratégicas como a Coréia do Sul, a Formosa, o Oriente Médio, etc.;
- ajuda técnica, econômica e militar a países subdesenvolvidos;
- propaganda, etc.

A geoestratégia da União Soviética consiste na realização do "Isolamento" da potência-líder do "Bloco-anfíbio". Para a consecução desse objetivo, a U.R.S.S. tem:

- estimulado o antiamericanismo;
- auxiliado o estabelecimento do regime comunista em áreas vitais à segurança e economia dos E.U.A., como o Caribe, a América Central, etc.;
- realizado a penetração econômica com fins políticos em países que mantêm fortes vinculações econômicas com os E.U.A.;
- apoiado os movimentos nacionalistas e guerras insurrecionais;
- fornecido auxílios aos Estados neutralistas e estabelecido acordos e tratados com estes Estados;
- efetuado intensa propaganda do seu sistema de vida e progresso científico.

No quadro militar, também se pode observar que os dois poderosos antagonistas adotam instrumentos do poder perfeitamente adequados às suas respectivas geoestratégias. Os E.U.A., por exemplo, possuem forças militares que podem ser rapidamente transportadas através de oceanos e imediatamente empregadas na defesa ou recuperação de certas áreas estratégicas (v. fig. 1). Já a U.R.S.S. se esforça na produção de elementos capazes de interceptarem as rotas marítimas tão vitais aos E.U.A. e aperfeiçoa poderosos armamentos que já asseguram a vulnerabilidade de toda a América do Norte, mesmo quando lançados do próprio território da União Soviética.

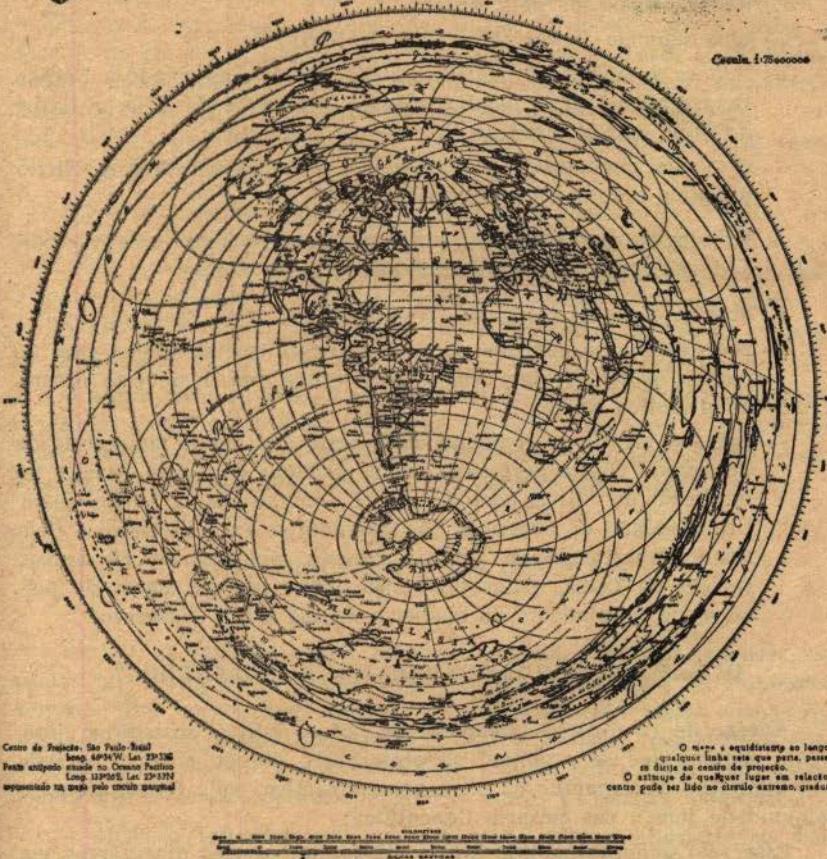
O "HEARTLAND" E SUAS VIAS MARÍTIMAS DE ACESSO



Mapa-Mundi

PROJETO AZIMUTAL, OBliqua e EQUIDISTANTE, tendo como CENTRO a CIDADE DE SÃO PAULO

ELABORADO POR JOSÉ SOUZA



A aplicação das duas geoestratégias tem caráter permanente, é processada por meio de ações econômicas, políticas e militares e caracteriza um constante estado de guerra.

II — QUADRO ESTRATÉGICO MUNDIAL

O conceito de defesa estratégica do hemisfério ocidental também sofreu radicais transformações decorrentes dos antagonismos dominantes. Assim, o eixo principal da defesa desse hemisfério passou a ser de norte para sul ao invés de ser de leste para oeste como ocorreu nos dois anteriores conflitos mundiais.

Nessas condições, o quadro estratégico mundial (v. fig. 2) apresenta as seguintes características:

- uma zona de contato direto (aéreo) entre as duas potências líderes, constituída pelo Ártico;
- uma segunda frente no estreito de Bering;
- regiões de cobertura dos flancos dos E.U.A. abrangendo a Europa Ocidental, o Oriente Médio, a Índia, o Sudeste da Ásia, o Japão, a Coréia do Sul, ilhas do Extremo Oriente, etc.;
- áreas de retaguarda compreendendo a América Latina, a África atlântica e do sul e a Antártida.

A América do Sul apresenta, nesse zoneamento, uma posição geestratégica de excepcional importância, pelas razões abaixo:

- domina todas as rotas que ligam o Atlântico ao Pacífico;
- pode exercer o controle do Atlântico Sul (mediterrâneo vital ao mundo ocidental) bem como das rotas que ligam este oceano ao Atlântico Norte;
- pôr seu grande afastamento da Eurásia é a região mais abrigada do mundo contra agressões diretas partidas de bases situadas no território do "Bloco-continental". E, mesmo que a União Soviética disponha de engenhos que possibilitem essa agressão, o Continente Sul-Americano ainda apresenta, com relação às demais regiões da Terra, maior segurança decorrente do tempo de percurso do instrumento do ataque e da sua maior dispersão.

III — PONTOS VULNERÁVEIS DO "BLOCO-ANFÍBIO"

Apesar de os diversos membros do "Bloco-anfíbio" possuírem interesses comuns que se resumem na preservação do seu sistema de vida pela limitação da expansão do comunismo soviético, cada Estado daquela comunidade tem a sua própria Geopolítica.

Esse fato poderá conduzir atuais aliados a posições divergentes em caso de guerra, como ocorreu, por exemplo, durante os últimos acontecimentos em torno do canal de Suez. Enquanto, nesse litígio, Inglaterra e França lançavam mão de todos os recursos para desobstruir uma rota essencial ao seu sistema econômico, para os E.U.A. tratava-se de evitar um pretexto que permitisse a expansão da U.R.S.S. em área vital à segurança do hemisfério ocidental.

Nas duas grandes guerras passadas, a Inglaterra e a França, para não citar outros países, lutaram contra a Alemanha em defesa do seu próprio território. O objetivo da Alemanha era, exatamente, a conquista desses territórios.

Nesses dois conflitos mundiais, os principais rivais da Alemanha estavam na Europa. Atualmente, o grande antagonista da União Soviética são os E.U.A. Esta potência americana constituía, durante a Segunda

Guerra Mundial, o último objetivo da Alemanha na luta pela conquista do mundo. Presentemente, os E.U.A. significam, para a União Soviética, o primeiro objetivo a vencer para a consecução da dominação da Terra.

A Europa Ocidental, apesar de possuir um potencial respeitável, é vulnerável a um ataque partido da União Soviética. Além disso, a atuação da grande potência comunista naquela área consistiria, em última análise, na realização de um grande esforço em uma direção secundária. Portanto, talvez não seja absurdo admitir, uma possível situação de não-belligerância na península europeia, mesmo em um período de lutas entre os dois grandes blocos rivais.

Nos dois conflitos mundiais os E.U.A. ocuparam privilegiada posição estratégica à retaguarda dos principais teatros da luta e ao abrigo das ações adversárias. Seu grandioso parque industrial pôde contar com volumosos suprimentos de matérias-primas enviadas de países amigos e o "colosso da América" elevou-se à extraordinária categoria de "arsenal do mundo livre".

O poder aéreo soviético tornou as indústrias dos E.U.A. vulneráveis a ataques partidos das bases da União Soviética. Por isso, a grande potência americana já não apresenta condições para permanecer como arsenal do "mundo-anfíbio", durante um conflito com a U.R.S.S.

IV — ERROS POLÍTICOS DOS E.U.A.

Os E.U.A. mantêm, com numerosos países, diversas alianças ou pactos que permitem a constituição de blocos regionais de segurança coletiva. Em um período normal, essas alianças são muito vantajosas para aqueles países pois que resultam para os mesmos, em auxílios econômicos, além do militar. Todavia esse quadro político tão bem estruturado pode, em um período de guerra, sofrer profundas modificações.

A História tem demonstrado que nas relações internacionais não prevalecem os acordos nem tampouco as amizades mas, tão-somente, as conveniências. Os últimos vinte anos estão cheios desses exemplos. Vimos, em 1939, a Alemanha assinar um pacto com a Rússia e, ainda não eram decorridos dois anos, a própria Alemanha invadia sua aliada.

Na Segunda Grande Guerra, a Alemanha e o Japão foram os mais sérios adversários dos E.U.A.; a U.R.S.S. e a China, grandes aliados. Assim que terminaram as hostilidades esse panorama sofreu completa inversão. Os dois grandes antagonistas da véspera passaram a ser os principais beneficiários da grande potência democrática para que fosse evitada, justamente, a expansão dos antigos aliados.

A política externa adotada pelos E.U.A., a partir do acôrdo de Potsdam, não tem obtido resultados muito satisfatórios. O "Plano Marshall", por exemplo, lançado para evitar a expansão do comunismo sovié-

tico, transformou-se em verdadeiro *boomerang* que golpeou o próprio Estado norte-americano.

Enquanto a nação-líder do bloco ocidental voltava as costas para a América Latina, muito preocupada com acontecimentos de Berlim, Formosa, Coréia ou Oriente Médio, a Alemanha, o Japão, a França e a Itália, em acelerado ritmo de desenvolvimento econômico (estimulado, sem dúvida, por capitais dos E.U.A.), dirigiam suas maiores atenções para o Continente Sul-Americanano. Substanciais investimentos e auxílios técnicos estão sendo empregados na siderurgia, em indústrias pesadas e nas indústrias de construção naval e de veículos automotores.

Esses investimentos, além de incentivarem o progresso de futuras regiões da América do Sul, estão proporcionando excelentes lucros aos seus responsáveis e constituindo uma inteligente concorrência aos E.U.A.

A União Soviética também já "descobriu" a América Latina. Atualmente, o seu maior esforço está sendo orientado para esta região do hemisfério ocidental. A propaganda é intensa e a penetração econômica eficiente.

V — CONCLUSÕES

A União Soviética completa, presentemente, o seu grande movimento estratégico-econômico para a parte oriental do seu território, com o objetivo de abrigar suas indústrias essenciais no interior da maior fortaleza terrestre (*Heartland*).

A América do Sul possui condições geoestratégicas que a credenciam a se constituir no bastião do "Bloco-anfíbio". Seu território, de quase 19 milhões de quilômetros quadrados (só ultrapassado em extensão pelo da U.R.S.S.), possui imensos recursos econômicos e um potencial humano de 130 milhões de habitantes com elevado índice de natalidade.

A hinterlândia da ilha sul-americana, abrangendo grande parte da Bolívia, a região centro-ocidental do Brasil e a quase totalidade do Paraguai poderá, se organizada, constituir o verdadeiro *Coração do mundo anfíbio*, pelas seguintes razões:

- é a região do "Bloco-anfíbio" menos vulnerável aos instrumentos do poder soviético e, portanto, a única parte da terra que poderá manter, em qualquer circunstância, uma efetiva oposição ao *Heartland*;
- apresenta grande facilidade ao movimento e permite a ligação, por linhas interiores, do Atlântico com o Pacífico e da Amazônia com o Prata;
- possui vastas áreas adequadas à agricultura e pecuária;
- graças às matérias-primas que encerra, poderá ter grande desenvolvimento industrial.

Essa excepcional região estratégica que poderia ser transformada no verdadeiro arsenal do "Bloco-anfíbio" ainda está muito subdesenvolvida e possui largos espaços por povoar. E, enquanto o chamado "mundo livre" permanece na dispendiosa e já inútil geoestratégia de "contenção", a União Soviética atua nessa importante área à retaguarda da "linha defensiva do "Bloco-anfíbio" procurando seccionar o próprio "tendão de Aquiles" da grande potência ocidental.

A LUTA PELO DOMÍNIO DO MUNDO PODE SER DECIDIDA NO CONTINENTE SUL-AMERICANO POIS QUE, DESSA REGIÃO ESTRATÉGICA, É POSSÍVEL ISOLAR OS E.U.A. E SÓ ESTA PARTE DA TERRA OFERECE, PRESENTEMENTE, CONDIÇÕES PARA UMA VANTAJOSA OPOSIÇÃO À UNIÃO SOVIÉTICA.

RESUMEN

El autor declara que el antagonismo que existe entre los Estados Unidos de América y la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas condució la mayoría de los Estados a la formación de dos bloques con características propias e geoestrategias específicas. El nombre de "Bloque-anfibio" al conjunto de países que no pueden prescindir de los transportes marítimos. Considera la URSS, sus satélites y aliados componentes de un verdadero "Bloque-continental".

Presenta la actual coyuntura mundial como siendo la lucha de esos dos grandes partidos en la cual el "Bloque-anfibio" emplea contra la Unión Soviética una geoestrategia de contención mientras esta busca el dominio del mundo por medio de una geoestrategia de aislamiento de los Estados Unidos.

Muestra que en el actual cuadro estratégico mundial la América del Sur ocupa excepcional posición que le permitiría, quizá fuera organizada, constituir el corazón del mundo anfibio.

Concluye el trabajo afirmando que "la lucha por el dominio del mundo puede ser decidida en el Continente Sudamericano pues que, de esa región estratégica, es posible aislar los Estados Unidos y sólo esta parte de la tierra ofrece, presentemente, condiciones para una provechosa oposición a la Unión Soviética".

SUMMARY

The author says that the antagonism between the United States and the USSR has led most of the States to form two blocs having their own characteristics and a specific geo-strategy. He names "amphibious bloc" the group of countries depending on maritime transportation and considers the USSR and its allies and satellites as components of a "continental bloc".

Today's world situation is presented as a fight between those two big parties in which the "amphibious bloc" uses a deterrent geo-strategy against the Soviet Union, while this one seeks world domination through a geo-strategy aiming at the isolation of the United States.

In the world strategical situation, South America appears in an excepcional position which would allow it, if properly organized, to become the "heart" of the amphibious world.

Finishing his work, the author states that "the fight for the world domination can be decided in the South American Continent, since it is possible, from this strategical region, to isolate the United States, besides being that part of earth only one offering, today, conditions for a profitable opposition to the Soviet Union".

RESUMÉ

L'auteur déclare que l'antagonisme qui existe entre les EUA et la URSS a conduit la plus grande partie des États à organiser deux blocs avec des caractéristiques particulières et des géostratégies spécifiées.

Il appelle "Bloc-amphibie" à l'ensemble des pays qui ne peut pas se passer des transports maritimes et il trouve que la URSS forme, avec ses satellites et ses alliés, un vrai "Bloc-continental".

Il présente l'actuelle conjoncture mondiale comme une lutte entre ces deux grands partis, lutte dans laquelle le "Bloc-amphibie" emploie une géostratégie de containment contre l'Union-Soviétique, tandis qu'elle cherche à dominer le monde au moyen d'une géostratégie de l'isolement des EUA.

Il montre que dans la situation stratégique actuelle du monde, l'Amérique du Sud occupe une position exceptionnelle que lui permettrait de devenir le cœur même du monde amphibie, si elle était déjà assez organisée.

Il finit son travail en affirmant que "la lutte pour le domaine du monde peut bien être décidée dans le continent américain du sud, car c'est possible d'isoler des EEUU de cette région stratégique et seulement cette partie de la terre offre, à présent, des conditions avantageuses à une opposition à l'Union-Soviétique".

* * *

"Brasil y Argentina tienen una gran tarea a llenar en común. Su amistad y colaboración internacionales son prendas indispensables para asegurar la paz en la parte austral de América. Sólo cabe determinar serena y objetivamente el radio de acción geopolítica de cada uno de estos países. Argentina está llamada naturalmente a la defensa del sector atlántico austral que tiene su apoyo más firme en el Río de la Plata; Brasil, principalmente el de la seguridad de las comunicaciones marítimas y aéreas de los países sudamericanos con los norteamericanos y con los de Europa occidental".

(Elementos de Política Internacional)

LUCIO M. MORENO QUINTANA

IV — ARTIGO ESTRANGEIRO

O MUNDO ESTÁVEL DE HALFORD MACKINDER

Coronel VICTOR J. CROISAT

(Traduzido de "Diffusion d'articles étrangers" — EMPA, Paris)
n. 4 de 1958, pelo Sargento Osvaldo Oliveira Santos. (*)

1^a PARTE

Em janeiro de 1904, Halford Mackinder apresentava à Sociedade Real de Geografia de Londres uma das primeiras comunicações feitas por um inglês no domínio da Geopolítica.

Declarava Mackinder que o "pivot geográfico" do poder mundial situava-se no centro da massa continental da Eurásia e, de um modo geral, na parte ocupada pela Rússia.

À época em que foi apresentada esta nova concepção, Halford Mackinder ensinava geografia na Universidade de Oxford e dirigia a "London School of Economics and Political Science" (1). Sua comunicação, fundamentada em argumentos obtidos de um cuidadoso estudo da história e da geografia se revestiu, portanto, de uma autoridade indiscutível.

Por conseguinte, o termo "pivot geográfico" devia tornar-se o mais conhecido do "Heartland" (2). O alemão Haushofer e outros se apoderaram da idéia para acomodá-la ao plano hitleriano de engrandecimento da Alemanha, mas, passados mais de cinqüenta anos, o mundo de Halford Mackinder ainda subsiste.

Em 1942, o escritor militar americano George Fielding Eliot dizia a respeito de Mackinder: "Eu o li com assombro, admiração e pesar". Ele surpreendeu-se e maravilhou-se com o realismo sempre atual das idéias de Mackinder e lastimou que uma obra tão notável fôsse descoberta.

Sir Winston Churchill falou da sombra da Rússia estendendo-se sobre a Índia e da terra dos Czares, pedra angular do despotismo no mundo. Na Criméia, a Inglaterra e a França aliaram-se à Turquia para

(*) O Sargento OSWALDO OLIVEIRA SANTOS já serviu como auxiliar dos redatores da Edição Brasileira da "Military Review". É aluno da Faculdade Nacional de Direito. Serve, atualmente, na Seção de Geografia e História do Estado-Maior do Exército.

(1) Escola de Ciências Políticas e Econômicas de Londres.

(2) O país ou centro do mundo.

se oporem aos projetos russos sobre os países do Danúbio e do mar Negro. Em 1861, ano do nascimento de Mackinder, a Rússia tinha já na Europa, a reputação de uma potência ambiciosa cujos projetos se opunham aos interesses britânicos.

Os anos de juventude de Halford Mackinder, na escola pública de Gainsborough, depois no colégio de Epsom e na Universidade de Oxford, coincidiram com a expansão do poder, do prestígio e da riqueza da Inglaterra. Como os ingleses de seu tempo, o jovem Mackinder tinha consciência de que a glória do Império era conduzida, no mundo, pelo poder marítimo. Mas Mackinder observou o entrelaçamento das ferrovias que começavam a recobrir a Europa e a crescente significação desse meio de transporte pouco dispendioso para o poder econômico e militar dos Estados.

Em 1890, portanto no mesmo ano em que Mahan publicava o seu notável tratado sobre a influência do poder marítimo, Mackinder apresentava à Sociedade de Geografia da Escócia uma comunicação contendo em germe as idéias que ele deveria desenvolver posteriormente.

"A Geografia Política", dizia Mackinder, "parece estar apoiada no fato de que o homem viaja e se fixa". "Assim, o homem que viaja", acrescentou ele, "procura as linhas de menor resistência, o homem que se fixa preocupa-se, principalmente, com a segurança e com a produtividade da terra que possui".

Mackinder observava que a dificuldade dos caminhos naturais da terra à viagem ou à fixação do homem variava com o estado de civilização. O mar tinha sido uma formidável barreira. Não o era mais, com a segurança da navegação. "Hoje", observava ele, "o trem reduz a fricção física da viagem por via terrestre e proporciona uma facilidade de movimento que não se conseguia senão no mar".

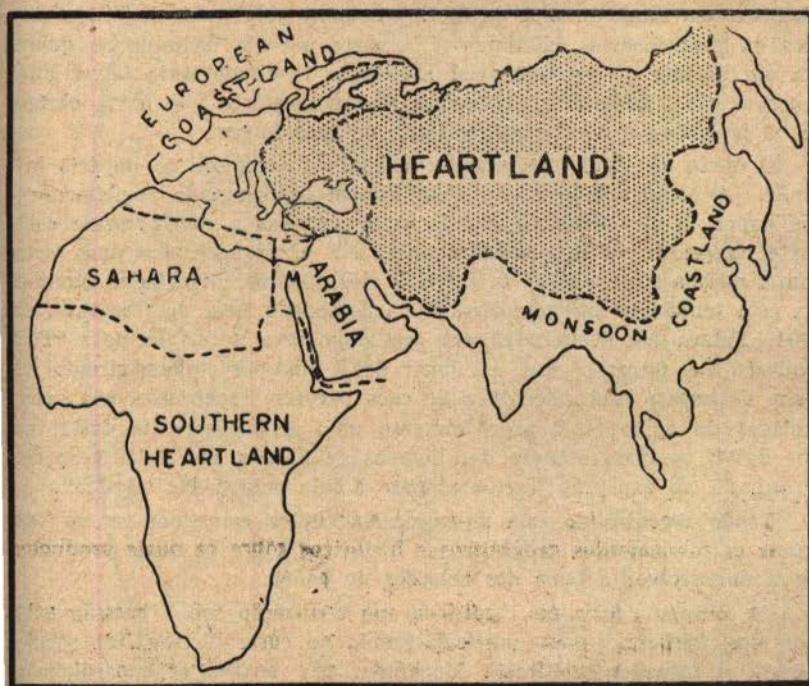
Reportando-se à carta do universo, Mackinder observava que dois terços da população do globo estavam concentrados em duas regiões que ele denominava, uma, zona de povoamento romana do "Gulf Stream", e a outra simplesmente de Sudeste da Ásia. Afirmava ele que a produtividade dessas duas regiões e a diferença de suas produções determinaram a corrente de trocas entre o Oriente e o Ocidente e que a história não era senão a história desse comércio. Concluía ele: "O caráter gêmeo da civilização do mundo, romano e sino-indiano, repousa na existência dessas duas regiões de povoamento separadas pelo vazio do deserto. As passagens estreitas que atravessam as extensões desérticas são ocupadas pelos povos dos oásis pouco numerosos mas, ao mesmo tempo, intermediários e agentes de obstrução entre o Oriente e o Ocidente".

O almirante Mahan sustentou, claramente, em seus escritos a dependência do poder marítimo de uma base continental que o apoie. Seus estudos históricos o haviam conduzido à conclusão de que a extensão, a população e a produtividade desta base continental e os fatores políticos e sociais interligando-se constituíam os elementos essenciais do desen-

volvimento do poder marítimo. Mackinder reconhecia, como Mahan, a estreiteza desta relação entre o poder marítimo e sua base continental, mas suas opiniões divergiam quanto consideravam o futuro.

Mackinder, cidadão natural da maior potência naval de então, acreditava que um meio de transporte terrestre econômico equilibraria inevitavelmente o poder marítimo, e que o poder continental seria capaz de ultrapassar o poder marítimo.

Mahan, pertencente a um país que, durante muito tempo, ocupou-se com problemas relativos às terras e esqueceu os interesses marítimos, argüia que o poder marítimo continuaria a ser o elemento dominante e determinante da grandeza nacional.



A história já relatava numerosos fatos em apoio às idéias de Mackinder sobre as relações de poder. Em 1846, o 6º Corpo prussiano tinha percorrido uma extensão de 400 quilômetros em dois dias. Sem a estrada de ferro, seriam necessários quinze. A Guerra de Secesão, verificada em um vasto teatro de operações, tinha manifestado claramente a importância capital das estradas de ferro para transportar forças militares consideráveis a grandes distâncias. Em 1863, 23.000 homens tinham-se movimentado com artilharia e equipamentos em uma extensão de 2.000 quilômetros em sete dias, o que seria uma façanha ainda hoje.

Em 1870, a concentração do exército alemão por via férrea não contribuiu pouco para a derrota francesa.

Na época em que Mackinder estudava o potencial de guerra da Rússia, a atualidade lhe forneceu generosamente a ilustração do novo equilíbrio entre poder marítimo e poder continental. Na guerra dos Boers, a Inglaterra havia empregado na África do Sul, a milhares de milhas marítimas, cerca de 500.000 homens inteiramente apoiados pelo poder naval, o que desaconselhava a Europa a dar muito grande atenção ao conflito. Mas ao mesmo tempo a Rússia provava que também podia apoiar operações militares a milhares de quilômetros, não por mar, mas por terra. Em fevereiro de 1904, quando desencadeou-se a guerra russo-japonêsa, a Rússia tinha 100.000 homens no Extremo-Oriente. Desde o inicio das hostilidades, ela começou a enviar reforços para o leste em um ritmo mensal de 30.000 homens pela linha de bitola simples da Transiberiana. Estimou-se a parte por ela utilizada na guerra em um décimo de seu potencial militar; o resultado seria talvez diferente se ela tivesse aumentado este modesto esforço que havia obrigado os japonêses a resistir até o limite de suas fôrças.

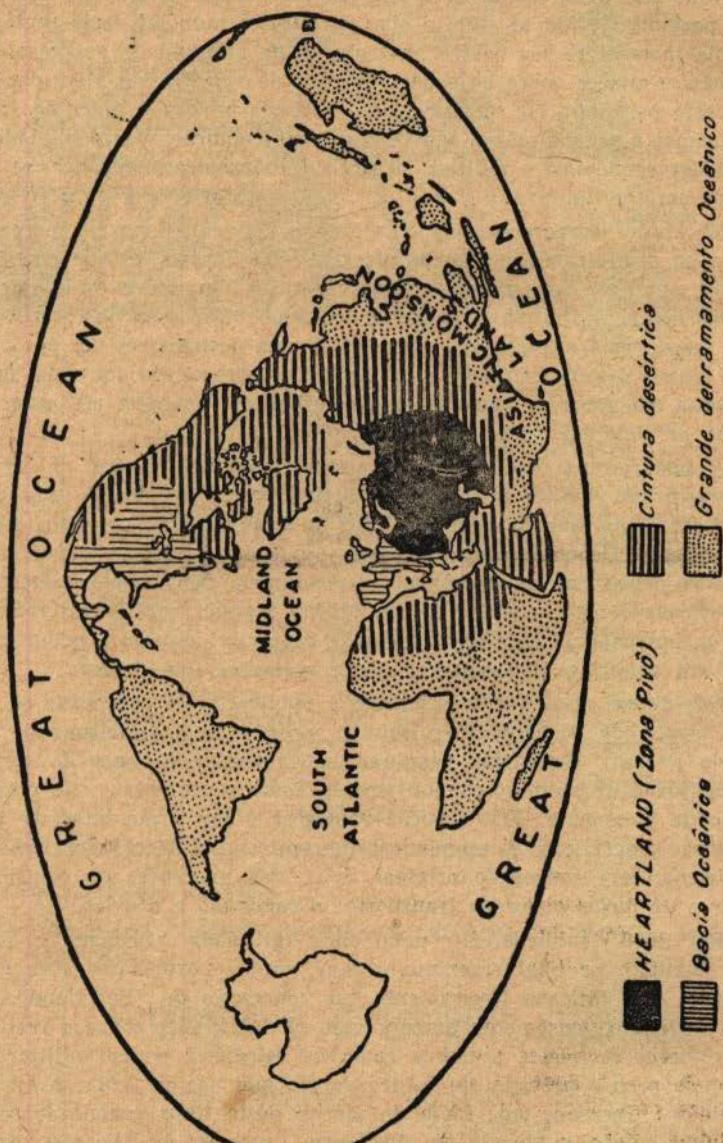
O inicio do século XX marcou o final da expansão do império britânico. A exploração e a conquista tinham representado amplamente o seu papel. A Grã-Bretanha tendia cada vez mais a considerar-se como parte integrante da Europa continental e a não lançar mais suas vistas com a mesma fixidez além da extensão dos oceanos. Mackinder reconhecia esta tendência em um discurso na Sociedade Real de Geografia em 1904. Falava êle desta nova era que anunciaava nestes termos: "Toda explosão das fôrças sociais, em lugar de se dissipar em um circuito vizinho de espaço desconhecido e de caos bárbaro, repercutirá nas extremidades do globo... É provavelmente uma semiconsciência dêste fato que desvia muito a atenção dos homens de Estado, em todas as partes do mundo, da expansão territorial para a luta pelo poder relativo".

Tendo reconhecido esta situação, Mackinder empenhou-se em descobrir os fundamentos geográficos e históricos sobre os quais propunha-se a desenvolver o tema das relações de poder.

"A Europa", dizia êle, "edificou sua civilização sob a pressão exterior dos bárbaros, mais particularmente no curso de sua luta secular contra as invasões asiáticas". Mackinder não negava as consequências das excursões dos Vikings no interior das terras, mas não atribuía a essas incursões a mesma significação daquelas levadas a efeito pelos cavaleiros procedentes da Ásia.

Mackinder observava que uma vasta região de 21 milhões de milhas quadradas se estendia a leste da Europa ocidental. As águas dessa imensa extensão eram drenadas ou para os oceanos glaciais do norte, ou para os mares fechados do sul. Assim a massa da Eurásia se achava sem acesso ao mar aberto. Era ela uma terra ideal para o nômade.

Na Idade Média, a Europa ocidental havia começado a pensar no mar para abrir uma janela sobre o mundo. Esta iria multiplicar as rotas



marítimas. Ao mesmo tempo, a Rússia estendia-se para o sul através das terras, firmando sua posição de grande potência continental. Os progressos da locomoção terrestre davam a um país isolado do mar o poder reservado até então somente às nações marítimas. Mackinder formulava a pergunta: "Não se situa o eixo da política mundial nesta região da Eurásia inacessível aos navios, mas aberta na antiguidade aos cavaleiros nômades e que se cobre hoje de uma rede de vias férreas? Respondendo a esta pergunta, ele mostrava que a Rússia tomava o lugar do Império mongol e possuía sobre seu território as condições de mobilidade de um poder econômico e militar: situação de considerável alcance, se bem que de caráter limitado.

Mackinder acreditava que se o Estado "pivot" viesse a conseguir o acesso ao mar através das terras marginais da Eurásia, estaria em situação de empregar seus recursos para constituir um poder naval que lhe permitiria em definitivo o controle do globo. Em suas observações finais, lançou esta advertência: "Se os chineses destruissem um dia o império russo e conquistassem seu território, acrescentariam uma frente marítima aos recursos deste grande continente: vantagem até agora recusada ao detentor russo da região "pivot".

A história tem executado um círculo perfeito. Quando os oceanos marcavam um limite do mundo, existiam grandes poderes tais como Roma e a China que tiravam sua força da dominação das grandes massas continentais. Depois, quando o homem tendo dominado seu temor, aventureou-se pelos mares, descobriu que este meio facilitava o comércio e simplificava o uso do poder militar. Hoje, o poder continental reencontra sua importância anterior e torna-se capaz de desafiar o poder marítimo em condições incomparavelmente melhores que outrora.

Nos quinze anos que se seguiram à publicação da concepção da "região pivot" de Mackinder, o mundo presenciou o cataclismo de uma grande guerra. Mackinder passou a maior parte dos anos do conflito na qualidade de membro do Parlamento como representante da circunscrição de Calamchie. Esta posição vantajosa e seu firme interesse pelas questões geográficas e econômicas permitiram a Mackinder revisar e aperfeiçoar sua concepção original à luz das mudanças de centros de poder e de novos meios de transporte: o caminhão e o avião.

Em 1919, publicou ele uma obra intitulada "Democratic Ideals And Reality", na qual recomunha com muitos pormenores suas idéias originais e modificava ligeiramente sua concepção do "Heartland". Esta obra contém o pensamento amadurecido de Mackinder sobre a realidade das relações de poder e indica como os estadistas podem utilizar esta realidade para a previsão do futuro, tarefa que não ia tardar a ser empreendida. Ter-se-á uma idéia do mérito deste livro quando se souber que uma edição publicada em 1942 sem qualquer modificação recebeu a ratificação dos escritores militares muito conhecidos: Edward M. Earle e George Fielding Eliot, já citados.

(Conclui no próximo número)